

TALLES DE PAULA CARVALHO

SOMOS ISLÃ

UM DOCUMENTÁRIO SOBRE OS MEMBROS DO CENTRO
ISLÂMICO DE BELO HORIZONTE

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo
Dezembro, 2014

TALLES DE PAULA CARVALHO

SOMOS ISLÃ

UM DOCUMENTÁRIO SOBRE OS MEMBROS DO CENTRO ISLÂMICO DE BELO HORIZONTE

Projeto Experimental apresentado ao
Curso de Comunicação Social/Jornalismo
da Universidade Federal de Viçosa como
Requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Mariana Ramalho Procópio
Xavier

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo
Dezembro, 2014



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social / Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Somos Islã: Um documentário sobre os membros do Centro Islâmico de Belo Horizonte*, de autoria do estudante Talles de Paula Carvalho, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Henrique Moreira Mazetti
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Luis Antônio Neno Araújo
TV Viçosa

Viçosa, 03 de Dezembro de 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma especial aos meus pais Vanderlei Carvalho, Márcia Maria e minha irmã Thays Carvalho pelo apoio incondicional aos meus projetos, pessoais e profissionais. Aos meus avós que sempre compartilham dessa atitude de apoio e admiração mútuas. Aos amigos Rodrigo Castro, Pedro Augusto e Fábio Farias pelos apoio e amizade sempre presentes nesses e em tantos outros momentos.

RESUMO:

Esse documentário, produzido como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, busca retratar a vida de membros da Comunidade Islâmica de Belo Horizonte. O produto procura mostrar aspectos particulares do modo de vida e dos costumes Islâmicos, enfatizando a relação desses membros com a dinâmica da sociedade Brasileira, bem como a variedade étnica que a comunidade Islâmica possui e como eles se sentem em relação à comunidade islâmica global. A reflexão teórica, apresentada nesse memorial foi norteada pelos autores Alves, Balta, Nichols, Kemnitz, Lesser, Lucena, Montenegro, Penafria, Sá, Said, Ribeiro, Ramos, Freyre, Hall, Molleta, Vigotski e Goés.

PALAVRAS-CHAVE:

Documentário, Orientalismo, Comunidade Islâmica, Belo Horizonte.

ABSTRACT:

This documentary, produced as Final Project of course in Social Communication/Journalism from the Federal University of Viçosa, intends to portray the lives of members of the Islamic Community of Belo Horizonte. Showing particular aspects of the way of life and Islamic customs, emphasizing the relationship of these members with the Brazilian society and how they see themselves and are seen in the social context. My proposed work aims to show the ethnic variety that the Islamic community has and how they feel about the global Islamic community. The theoretical reflection, presented in this memorial was guided for authors as like Alves, Balta, Nichols, Kemnitz, Lesser, Lucena, Montenegro, Penafria, Sa, Said, Ribeiro, Ramos, Freyre, Hall, Molleta, Vygotsky and Goes.

KEY-WORDS:

Documentary, Orientalism, Belo Horizonte Islamic Community, Society, DSLRs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 01	
O DOCUMENTÁRIO COMO INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE	
1.0 O Gênero documentário.....	10
1.1 A narrativa do documentário.....	13
CAPÍTULO 02	
ORIENTALISMO: SOCIEDADE E RELIGIÃO	
2.0 Surgimento do Islamismo e sua difusão.....	16
2.1 A Relação do Brasil com o Islâmismo.....	20
CAPÍTULO 03	
METODOLOGIA E RELATÓRIO TÉCNICO	
3.1 Pré-Produção.....	28
3.2 Produção.....	30
3.2.1 Apresentação de personagens.....	34
3.3 Pós-Produção.....	38
3.4 Material, Orçamento e Cronograma.....	39
3.5 Roteiro.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
ANEXOS.....	48

INTRODUÇÃO

Muito embora o Brasil tenha sido um país que conviveu em toda sua história com a presença de imigrantes e tenha sido formado inicialmente pela mistura de povos africanos, europeus e índios, há no cenário de migração do país uma peculiaridade que lhe torna um fértil e paradoxal campo de estudo. A ideia de que todos os imigrantes são bem-vindos, independente de origem, religião ou intenção em migrar para a nova terra, que foi difundida logo após sua colonização, foi substituída por uma realidade um pouco mais complexa e conflituosa, na qual diversos fatores dificultaram o processo de incorporação da sociedade brasileira aos novos migrantes.

Com os povos de origem islâmica esse processo foi ainda mais conturbado, visto que durante a história de migração no Brasil eles foram segregados dos demais. Os motivos envolviam desde a forma de se vestir de tal grupo até conflitos de ordem cultural. O contexto histórico em que esses imigrantes foram inseridos e a maneira como a religião os segregava de uma sociedade majoritariamente cristã deixaram marcas que ecoam até hoje em nossa sociedade.

Esse documentário visa mostrar como a religião Islâmica interfere na vida social de pessoas que compõem esse crescente grupo, especificamente na comunidade islâmica de Belo Horizonte, que reúne integrantes brasileiros convertidos, bem como libaneses, marroquinos, egípcios, e europeus, com cerca de 200 membros registrados.¹ O documentário conta, pois, a história de membros do Centro Islâmico de Minas Gerais que adotaram a fé islâmica em algum momento de suas vidas e que frequentam os cultos todas as sextas-feiras, a mesquita de Belo Horizonte.

Minhas principais motivações em trabalhar com esse tema remontam a um trabalho realizado em 2013, quando cursava a disciplina de Antropologia Urbana na Faculdade de Belas Artes do Porto, Portugal. Na ocasião, o professor Diniz Cayola Ribeiro, propôs a participação dos alunos no projeto “Migrants in Europe”, que objetivava conscientizar a comunidade europeia para questões da migração e trazer o fenômeno para o centro do debate acadêmico. O projeto incentivava a criação de peças

¹ Dados da Sociedade Benéfica Islâmica de Minas Gerais (SBIMG). Disponível em: <<http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/node/31374>> Acesso em 23 nov. 2014.

na área da arte, *design* e comunicação, com o objetivo de fazer frente às constantes representações negativas que a mídia apresenta sobre a questão migratória (no contexto da sociedade portuguesa).

Quando entrei em contato com imigrantes que viviam em Portugal, percebi que para muitos deles havia pouca ou nenhuma identificação com a sociedade que os acolhia e que, muitas vezes, eles viviam numa espécie de sociedade paralela, onde não se sentiam totalmente integrados, ainda que não tivessem mais contato algum com a terra de origem. Considerei que analisar a maneira como lugar e sociedade se relacionavam, poderia render um documentário, e entrevistei imigrantes que moravam em dois países da Europa, Portugal e Holanda, priorizando aqueles de origem não-europeia. Logo, a ideia de que imigrante é “toda a pessoa que se transfere de seu lugar habitual, de sua residência comum para outro lugar, região ou país.”² se tornou mais complexa pra mim quando entrevistei muçulmanos de origem marroquina, que viviam em um bairro da cidade de Utrecht, na Holanda. Percebi que essa definição era conceitualmente limitada e que, nem sempre, o estrangeiro é aquele indivíduo que não nasceu no lugar onde reside, mas que imigrante poderia ser o sujeito que simplesmente não se identifica com os valores e normas culturais da sociedade em que vive. Esse sentimento de deslocamento parecia ainda mais forte no mundo muçulmano.

A ideia do *estrangeiro* (...) significa exatamente a impossibilidade de se reconhecer totalmente no outro, porque entre os dois, há uma diferença intransponível. Quando todo o espaço se assemelha, somos de certo modo todos *estrangeiros* porque já nada nos identifica. (SÁ, 2006, p.186)

Ser muçulmano está ligado a ser estrangeiro. Pois é estar conectado a uma comunidade maior e muitas vezes mais forte do que com a comunidade local em que se vive. Quando perguntei a um holandês, muçulmano, filho de imigrantes marroquinos, se ele se sentia holandês, obtive uma resposta negativa. Assim, os conceitos de migração, lugar e religião se encontravam e confundiam de maneira intensa naquela realidade.

² Informação disponível em IMDH (Instituto de Migrações e Direitos Humanos). Disponível em <http://www.migrante.org.br/glossario.htm#migracao>. Acesso em 20 nov. 2014.

Após essa experiência, que se resumiu na produção do curta documentário *A muslim in the dutch society* (2013)³, coloquei em pauta a questão da imigração através da ótica da religião, buscando compreender como sujeitos pertencentes à uma determinada sociedade, mesmo tendo nascido, crescido e se estabelecido no país de destino podem não se identificar com o lugar onde vivem. A religião Islâmica se mostrou, portanto, um bom exemplo desse fenômeno de deslocamento de um lugar, por um fator que eu viria a descobrir mais tarde, que tem essência na própria fé e que está aliado ao sentimento de que todos os muçulmanos pertencem a uma comunidade conectada através do conceito de “Umma” (conceito a ser explicado na segunda parte do capítulo dois).

Para elucidar o percurso de construção desse trabalho esse memorial traz três capítulos. A primeira parte do primeiro capítulo fala sobre o gênero documentário, fazendo um breve retrospecto sobre a origem desse estilo de produção e os delineamentos provenientes da construção teórica relativa à prática. Na segunda parte desse mesmo capítulo são vistos conceitos relacionados à narrativa audiovisual em si, e a linguagem utilizada para a construção desse documentário.

Já no segundo capítulo, busca-se situar o orientalismo como um campo de estudo e análise. Nesse momento, faz-se referência a autores como Edward Said e Paul Balta, orientalistas que nos esclarecem detalhes sobre a fé islâmica e suas peculiaridades. Dividido em duas partes esse capítulo se dedica à história do Islã em um primeiro momento e à relação do islamismo com o Brasil, num segundo.

O terceiro capítulo traz detalhes sobre o processo de pré-produção, produção e pós-produção, assim como o relatório técnico relativo à execução do projeto. Essa parte também aborda temas mais voltados às etapas de realização do documentário, listando o perfil dos personagens, os equipamentos utilizados, orçamento cronograma e roteiro.

³ Disponível em <http://vimeo.com/68827369>. Acesso 10 nov. 2014.

CAPÍTULO 1 - O DOCUMENTÁRIO COMO INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

Na pesquisa realizada para a produção desse Trabalho de Conclusão de Curso, me deparei com muitos autores que trabalham o tema do documentário em suas obras. Após ter contato com uma perspectiva histórica acerca do tema, compreendi que não existe unanimidade nesse campo. Enquanto autores como Nichols (2012) e Grierson (1932 *apud* PENAFRIA, 2005) defendem uma separação quase fronteiriça entre ficção e documentários, criando conjuntos de pressupostos estáveis para definir o gênero, encontramos outros autores mais brandos em relação a essa separação. Penafria (2005), por exemplo, acredita que o documentário caminha entre diversos tipos de configurações do cinema, sendo um gênero de constante mutação. Esse capítulo busca reunir os conceitos que colaboram e ao mesmo tempo questionam a intenção desse documentário, tendo em vista contribuir para sua relevância teórica e conceitual.

1.1 O gênero documentário

O documentário é um gênero do cinema que registra o cotidiano. Dentre as inúmeras formas de classificar e interpretar esse gênero, que nasceu junto com o cinema, essa definição pode parecer simplista. Mas o que no início parece uma declaração demasiada rudimentar para tratar desse amplo tema, se mostra aplicável à maior parte das produções documentais realizadas.

Está na origem do documentário a sua condição de registrador do cotidiano. Já em 1895, nas primeiras projeções realizadas pelos irmãos Lumière, eram exibidos no Grand Café, em Paris, filmes que mostravam cenas simples do cotidiano. Como *A saída da Fábrica* (1895), *O almoço do Bebê* (1895), *O Desembarque para o Congresso de fotografia de Lion* (1895) dentre outros. Esses filmes eram registrados com uma câmera estática que capturava o fato de maneira direta, sem interferências. “Os Lumière faziam, a princípio, pequenos documentários porque filmavam o que era mais palpável no momento, ou seja, a realidade.” (LUCENA, 2012, p. 20). A partir dessa primeira etapa, começam a se adicionar elementos à composição cinematográfica, como por exemplo o

humor, o que inicia uma divisão notável entre dois grandes modos de abordagem: ficção e não ficção. Sobre essa divisão falaremos mais a frente.

Buscar sua origem pode ser a melhor saída para configurar os modos e técnicas utilizados pelo documentário para alcançar seus propósitos e estabelecer o que o diferencia das demais formas de cinema. Sua origem cotidiana dá lugar a uma abordagem mais desbravadora a partir da década de 1930, quando começam a figurar alguns personagens que introduziriam modos de narrativas mais similares com o que vemos hoje. Robert Flaherty pode ser considerado o maior desses nomes.

Em seu icônico filme *Nanook, o esquimó* Flaherty, ao visitar pela terceira vez uma comunidade esquimó localizada no Canadá, decide documentar através de vídeo o modo de vida de alguns membros daquela sociedade. Tratando com enfoque a vida de um personagem real em sua rotina diária de sobrevivência. A partir disso, ele estabeleceria uma nova visão sobre o modo de realizar um documentário.

Os filmes de Flaherty redefiniram essa visão inicial acerca dos dois tipos de cinema: O documentário passa a ser considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real e como protagonista os próprios sujeitos. (LUCENA, 2012, p.10)

Interessante pensar que, apesar de mostrar a vida de um “outro” estranho, pela visão de um desbravador, e de colocar os personagens principais em situações que objetivavam gerar o riso do público⁴, exaltando os hábitos exóticos daquele povo, Flaherty consegue de certa maneira aproximar o distante através das lentes.

Flaherty coloca a ênfase em quem é filmado mostrando que o “Eu” não é assim tão diferente do “Outro”, ainda que esse “Outro” viva num local distante e quase inacessível. O “Outro” é apresentado na sua condição condição humana. (PENAFRIA, 2004, p.186)

⁴ Nichols (2012) fala de uma cena do filme *Nanook, o Esquimó* aonde o personagem principal aparece mordendo um rolo de filme. Para o autor, o único propósito de deixar tal cena na montagem final foi a intenção humorística.

Pouco mais tarde, em 1930, vemos a introdução do som no cinema documental, o que vai provocar mudanças na maneira de fazer e pensar cinema. Nessa mesma época, ascendia a escola britânica de documentários que, encabeçados por John Grierson, se apropriou dessa nova tecnologia para empreender um esforço de tornar o documentário um gênero independente.

Muito se avançou durante esse momento, no que se refere ao aparato técnico da produção de documentários. Com a possibilidade de se captar som junto com a imagem, veio a capacidade de tornar o filme mais realista e completo. Grierson trabalhou muitas vezes aliado ao governo britânico e auxiliou na divulgação de informações relacionadas à depressão dos anos 30. Suas produções caminharam no sentido do aperfeiçoamento da montagem das cenas e na possibilidade de realizar reconstituições fiéis à realidade, como em *Night Mail* (1935), de Basil Wright e Harry Watt, onde re-constroem em estúdio o interior de uma carruagem de correios, sendo que as pessoas filmadas trabalhavam no correio de fato. (PENAFRIA, 2004)

Esse recurso conhecido como “tratamento criativo da realidade” (LUCENA, 2012) é frequentemente usado. E encontramos exemplos em filmes emblemáticos, como em *Nanook, o esquimó*.

O “pai” do documentário, Robert Flaherty, por exemplo, criou a impressão de que algumas cenas se passavam dentro do iglu de Nanook, quando, de fato, elas foram gravadas ao ar livre, com um meio iglu maior que o normal como plano de fundo. Isso deu a Flaherty luz suficiente para filmar, mas exigiu que seus personagens atuassem como se estivessem no interior de um iglu de verdade, quando não estavam. (NICHOLS, 2012, p.120)

Todavia, esse tratamento nem sempre é adequado ou indicado. Não apenas porque demanda uma interferência intensa no ambiente de filmagem, mas porque constitui uma espécie de declaração de falta de autenticidade; e a essência do documentário, a meu ver, é a capacidade de convencer de que ele está exibindo algo verossímil.

Do lado oposto, estaria o “Cinema Direto”. Linha de construção documental que teve seu início quando os norte-americanos Robert Drew e Richard Leacock usaram uma

câmera 16 milímetros e um gravador para cobrir a campanha do então candidato à presidência dos Estados Unidos, John Kennedy. “Esse trabalho deu origem ao filme *Primárias* (1960), considerado o precursor de uma série de produções que procuravam captar o que se via diretamente por meio da câmera.” (LUCENA, 2012, p.26).

O chamado “Cinema Direto” pode parecer pretensioso por tentar convencer de que se capturarmos um acontecimento ou alguém, sem fazer perguntas, ou sem manipular o ambiente, nos livramos do fardo de influenciar no que acontece. Considerando que a ideia de “não interferência” é bastante improvável; há que se achar um meio termo entre esses dois modos de fazer documentários.

Em meio ao desafio de retratar uma comunidade de costumes e cultura tão diferentes da minha, optei por interferir o menos possível no ambiente (que se compõe basicamente da mesquita). Assim, o próprio conceito do filme de documentário, auxilia na evolução do projeto no sentido de uma compreensão mais sincera da realidade dos atores sociais.

Os documentários oferecem-nos um retrato ou uma representação reconhecível do mundo. Pela capacidade que têm o filme e fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. Essa característica, por si só, muitas vezes fornece uma base para a crença: vemos o que estava lá, diante da câmera; deve ser verdade. (NICHOLS, 2012, p.28)

Assim, o documentário atua como ferramenta eficaz não apenas na representação da realidade cotidiana, mas nesse caso como catalizador do debate sobre religião e sociedade.

1.2 A narrativa do documentário

Ao tentar compreender a estrutura narrativa de um documentário, deparamo-nos com o conceito de “voz” e sua fundamental importância para o entendimento da narrativa audiovisual. Para Bill Nichols (2012), os documentários possuem uma voz própria, que está “claramente relacionada ao estilo, à maneira pela qual um filme, de ficção ou não, molda seu tema e o desenrolar da trama ou do argumento.” (NICHOLS, 2012, p. 74). Para o autor,

na ficção, o estilo deriva do próprio ato de transformar um roteiro em uma peça visual, enquanto no documentário, a voz está mais relacionada a tentativa do diretor de mostrar seu ponto de vista em relação ao mundo histórico que ele retrata.

Segundo Nichols (2012), a voz pode defender uma causa, apresentar um argumento, e também transmitir um ponto de vista. Objetivando “convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz.” (NICHOLS, 2001, p.73).

Com um ponto de vista mais integrado, Penafria (2001) alega que documentário é cinema; e portanto, se aproxima da estrutura narrativa cinematográfica.

Um documentário pauta-se por uma estrutura dramática e narrativa, que caracteriza o cinema narrativo. A estrutura dramática é constituída por personagens, espaço da acção, tempo da acção e conflito. A estrutura narrativa implica saber contar uma história; organizar a estrutura dramática em cenas e sequências, que se sucedem de modo lógico. A suportar tudo isto deve estar uma ideia a transmitir. Essa ideia a transmitir constitui a visão do realizador sobre determinado assunto. (PENAFRIA, 2001, p.1)⁵

O desafio, portanto, é conceber uma narrativa que contenha os elementos necessários para atingir esses objetivos dramáticos, sem perder autenticidade. Para tanto, existe um eixo central que orienta a construção das narrativas visuais. “Um início, ou uma apresentação (mundo comum); um meio, ou desenvolvimento (mundo especial); e um fim, ou desfecho (retorno ao mundo comum).” (MOLETTA, 2009, p.24)

Tal modelo apresentado por Moletta remete a percepção aristotélica acerca construção de um discurso, que aponta três processos: apresentação, desenvolvimento e desfecho. Tanto Lucena (2012) quanto Moletta (2009) e Nichols (2012) trabalham com essa configuração de narrativa, com linguagens diferentes, mas com a mesma essência aristotélica aplicada à linguagem audiovisual. Contudo, não é minha intenção adentrar nessa perspectiva que Aristóteles postulou ao elaborar esse processo de comunicação, e decidi escolher a definição que se fez mais próxima ao meu projeto: a disposição que Nichols (2012) sugere:

⁵ Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=penafria-manuela-ponto-vista-doc.html Acesso em: 05 nov. 2014.

- Uma abertura que capte a atenção do público;
- A declaração ou elaboração da própria questão;
- Um argumento direto em favor de uma causa, de um ponto de vista específico;
- Uma refutação que rejeite objeções já esperadas ou argumentos contrários e;
- Uma recapitulação do caso que agite o público e o predisponha a um determinado procedimento.

A montagem do filme foi baseada nessas orientações, com as devidas adaptações. Principalmente no quarto item, pois não pretendo criar confrontos de argumentos, nem tenho a pretensão de colocar os membros da comunidade em contradição entre si de maneira confrontativa, mas apenas exibir as diferentes maneiras que cada tem de lidar com o Islamismo.

Durante a primeira parte do filme, é exibido aquilo que une os membros da comunidade: a unidade islâmica. Ou seja a representação do Islã universal, ou “Ummah”, termo que refere-se a uniao dos povos islâmico em uma grande comunidade global, que compartilha dos mesmos valores religiosos e culturais, constituindo uma nação unificada e sólida.

No decorrer da narrativa, os personagens narram suas histórias de vida e se desenvolvem em profundidade e em ações exibidas no filme. Nesse ponto entramos na vida dos personagens envolvidos na história, de maneira a localizá-los em sua realidade e entender quem são e como se diferenciam entre si. Por último, voltamos ao “mundo comum”, isto é, voltam ao ponto de partida. Unidos não só pelo espaço físico da mesquita, mas iguais perante a fé islâmica. É o momento em que somos questionados se mesmo de origens tão diferentes, eles constituem uma unidade.

Após o entendimento desses conceitos, iremos abordar agora a fé e prática islâmica, dentro de sua importância na história brasileira. Como se deu seu surgimento, e qual o contato real do Brasil com o mundo árabe/muçulmano.

CAPÍTULO 2 - ORIENTALISMO: SOCIEDADE E RELIGIÃO

Para compreender a religião islâmica, é preciso compreender que não se trata de uma religião monoteísta como as outras. O islamismo é um sistema religioso complexo dotado de um arranjo rígido de hierarquia, que reúne formas de pensamento político, econômico e legislativo.

2.0 Surgimento do Islâmismo e sua difusão

Surge no século VI, na Arábia, quando o anjo Gabriel teria revelado a Muhammad (ou Maomé), um rico mercador da cidade de Meca, uma série de ensinamentos que orientaria as pessoas a uma nova fé. Muhammad, que segundo os registros Islâmicos não sabia ler, registrou (com auxílio de seus seguidores) esses ensinamentos em um livro, o Alcorão. A estrutura desses ensinamentos possui cinco pilares fundamentais:

- 1- Shahadah: aceitação de Allah como único Deus.
- 2- Salaah: ato de orar cinco vezes ao dia.
- 3- Zakaah: Ofertar 2,5% dos ganhos anuais aos pobres e ajudar aos necessitados.
- 4- Jejum: Jejuar durante a peregrinação do Ramadã (nono mês do calendário islâmico no qual se acredita que o profeta Muhammad recebeu a revelação).
- 5- Hajj: que significa fazer, ao menos uma vez na vida, uma peregrinação à Meca.



FIGURA 1: Sheik Mokhtar El Khal, praticando o Salaah, fazendo sua prece diária voltado para Meca. Belo Horizonte - MG.

Fonte: Documentário “Somos Islã: Um documentário sobre a vida dos membros do Centro Islâmico de Belo Horizonte.”

Cada um desses pilares tem importância fundamental na vida de todos os muçulmanos, não apenas nos aspectos relacionados à fé e à oração, mas tangentes a assuntos políticos, econômicos e culturais que envolvem também códigos de conduta e sistema de justiça. Dentro dos 114 capítulos do Alcorão existem os versículos (Ayats), onde encontramos assuntos abordados por tópicos, nem sempre seguindo uma lógica temática ou cronológica. Cada um desses capítulos, também conhecidos como Suras, é identificado por um número e um nome. “A Vaca”, “A tribo de Omran”, “As Mulheres”, “A Mesa servida”, “O gado”, “As Alturas”, são alguns exemplo de Suras⁶ que tratam de maneira clara e objetiva, diversos temas. Essa clareza se torna evidente em Suras como a quarta, chamada An-Nisa (A Mulher), que traz no trigésimo quarto versículo: *“Os homens têm autoridade sobre as mulheres, pelo que Allah preferiu alguns a outros, e pelo que despendem de suas riquezas.”* (Alcorão, 4:34).

Outro assunto frequente no livro sagrado Islâmico diz respeito às condutas morais, que envolvem principalmente a família e o comportamento em sociedade. Uma passagem afirma que *“quem é morto defendendo seu dinheiro é um mártir, e quem é morto defendendo sua família, vida ou religião é um mártir”*⁷. Em outros trechos, o Alcorão perpassa as obrigações familiares entre parentes distantes, pais, filhos, marido e mulher. O corão dedica Suras específicas para cada um desses temas, orientando de maneira mais direta a conduta conjugal: *“E não vos aproximei do adultério. Por certo, ele é obscenidade, e que vil caminho!”*⁸. Não apenas aconselhando num tom de alerta, como estabelecendo quais ações devem ser tomadas com as pessoas que praticam tal ato:

À adúltera e ao adúltero, açoitai a cada um deles com cem açoites. E que não vos tome compaixão alguma por eles, no cumprimento do Juízo de Allah, se credes em Allah e no Derradeiro Dia. E que um grupo de crentes testemunhe o castigo de ambos. (Alcorão, 24:2)

⁶ Capítulo do Alcorão.

⁷ Dr. Abdurrahman al-Sheha, trecho do livro “A mensagem do Islã”, p. 162.

⁸ Alcorão, 17:32

Essa passagem demonstra o conteúdo muitas vezes incisivo do Islã nas relações sociais. Nesse leque de mandamentos que derivam dos cinco pilares fundamentais, uma lista extensa de códigos orientam a vida dos convertidos por essa fé. Desde como se vestir, que para mulher representa o uso do Hijab⁹, até o modo de como o homem deve aparar a barba: “*Apare bem o bigode e deixe a barba crescer*” narrado pelo profeta Omar (Muslim, Hadith 486)¹⁰.

Além dos mandamentos relacionados ao comportamento, o Islã constituiu também um sistema de leis, conhecida como Sharia, que devem ser aplicadas quando a comunidade muçulmana detém o controle do estado. Algo que seria equivalente ao código civil/penal de uma república encontrado no sistema de governo Islâmico, guardadas as devidas diferenças nos processos de constituição de origem democrática por parte de um modelo, e teocrática pela outra parte.

Atualmente o Irã, ou República Islâmica do Irã, representa o maior estado Islâmico constituído, possuindo 77 milhões de habitantes, 99,6% deles muçulmanos¹¹. O Irã figura, entre outros exemplos, como estados teocráticos existentes hoje, seguido de Líbia, Mauritânia e Paquistão. Tais países demonstram a força que o Islã possui na geopolítica global.

Além desses, recentemente ganhando notoriedade e força, encontra-se o ISIS, autodenominado “Estado Islâmico do Iraque e do Levante”, que se constitui de um grupo de radicais Sunitas (corrente de muçulmanos radicais) de nacionalidade Iraquiana que buscam dominar a região norte da Síria, Líbano, Israel e Jordânia¹². As brutalidades praticadas pelo grupo em sua cruzada em direção ao domínio dessas regiões, sob uma alegada essência religiosa é algo notavelmente assustador e traz à tona um confronto que se desenrola por séculos. Emergindo de tempos em tempos, em lugares diferentes, e com configurações políticas diferentes, mas com um mesmo seio de divisão ideológica: o

⁹ Conjunto de vestimentas preconizado pelas doutrinas Islâmicas, na mulher é representado pelo véu.

¹⁰ Livro do profeta Omar ibn al-Khattab

¹¹ Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2011/01/27/table-muslim-population-by-country/>>. Acesso em 10 nov. 2014.

¹² Disponível em: <<http://blogs.wsj.com/briefly/2014/06/12/islamic-state-of-iraq-and-al-sham-the-short-answer/>>, acesso em 05 nov. 2014.

ocidente *versus* o oriente. Nesse conflito histórico, o Islã encontra-se muitas vezes no meio do tiroteio, no ponto de maior tensão.

Houve sempre embutido nessa fé uma disputa territorial aliada a um ímpeto de conquista de territórios. Tal característica é notável desde o início de sua expansão, no ano 627, quando Muhammad, que já tinha a cidade de Medina sobre seu domínio, decide reunir 1600 militares para invadir Meca, em uma missão que objetivava livrar a cidade da adoração de outras divindades e deuses, que não Allah. Após três anos de tentativas, Muhammad consegue invadir a cidade de forma pacífica, já com cerca de 6000 mil homens o acompanhando.

Entre guerras, diásporas e grandes acontecimentos históricos que separam o mundo contemporâneo daquele conhecido por Muhammad, o islamismo passou a ter forte contato com culturas de diversas origens, tendo dominando em grande período de tempo, boa parte do oriente médio, oriente próximo e Europa. Começando por Síria (637), Armênia (639), norte da África (651), Península Ibérica (711), Constantinopla (717-718).

Existe uma categorização muçulmana dos territórios que é tão antiga quanto o próprio Islã. O mundo se divide em três grandes zonas: Dar al-Islam, Dar al-Harb e Dar al-Muahadah. As três palavras árabes referem-se às diferentes relações possíveis entre as comunidades muçulmanas e outros grupos em um determinado território. A conceitualização é complexa e existem interpretações atuais dessas categorias, que são aplicadas dinamicamente aos territórios, segundo determinadas situações históricas. (MONTENEGRO, 2002, p.62)

Para compreensão da comunidade Islâmica é intrínseco o entendimento da relação dessa comunidade com o território. Essas três maneiras da comunidade se relacionar com as nações que as abrigam definem o modo como irão se comportar em relação à sociedade.

Dar al-Islam refere-se apenas aos territórios onde os muçulmanos são maioria e convivem em harmonia com minorias religiosas. (...) *Dar al-Harb* significa “terra de guerra”. A noção se refere aos territórios onde a comunidade muçulmana é perseguida, reprimida, expulsa ou segregada por meio da violência ou das leis, onde não é possível que os muçulmanos desenvolvam livremente seus rituais e prescrições religiosas. Neste caso, não interessa que a comunidade constitua uma minoria ou uma maioria religiosa. Assim, o Brasil já teria sido *Dar*

al-Harb na época em que foram reprimidas as rebeliões dos escravos muçulmanos, pois, logo em seguida, teria-se tornado difícil, para esses grupos, observarem suas práticas religiosas. Hoje, o Brasil é *Dar al-Muahadah*, terra de tratado. Os territórios assim conceitualizados são aqueles onde a comunidade muçulmana, na forma de minoria, considera que pode-se desenvolver livremente em ambiente de paz e tolerância com outras comunidades religiosas e com o Estado. (MONTENEGRO, 2002, p.62)

Em 2014, temos 1,57 bilhões de muçulmanos revertidos à fé, compondo 23% da população mundial¹³. Esse dado prova o tamanho e a força da fé Islâmica no mundo, bem como sua escalada furtiva em termos de difusão. Nas Américas, mesmo sendo casa de apenas 0,3% da população Islâmica global, observa-se um crescimento intenso dessa população. No Brasil, a população Islâmica em 2000 era composta de 27.239 membros, em 2010 essa população saltou para 35.167¹⁴. Um aumento de 29,4%

2.1 A Relação do Brasil com o Islâmismo

O Brasil teve duas etapas principais de diálogo com o islã, que não se deram de maneira direta e clara, mas que podemos verificar fazendo um levantamento histórico sobre o tema. Contudo, antes de entender a influência da religião no Brasil, vale lembrar que durante um momento da idade média a península ibérica esteve sobre controle pleno do Islã (de 711 até 1249 em Portugal e de 1031 até 1492 na Espanha) período conhecido como “al-Andalus”. Os dominadores islâmicos possuíam uma relação harmoniosa em relação a seus dominados, principalmente durante o califado do profeta Omar Ibn al-Khattab. Essa fase de domínio do império muçulmano sobre parte da Europa marcou profundamente a cultura e a civilização portuguesa e espanhola. Para nós interessa mais a influência exercida sobre a sociedade portuguesa, que viria mais tarde influenciar a nossa.

Quanto à nossa (dos portugueses) agricultura, sublinhe-se que ela pôde conservar-se até aos nossos dias mantendo os velhos métodos árabes de cultivo e de regadio. As espécies horto-frutícolas são quase as mesmas

¹³ Pew Research Center's Religion & Public Life Project, 2011. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2011/01/27/the-future-of-the-global-muslim-population/>>. Acesso em 10 nov. 2014

¹⁴ Informação disponível em: ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf Acesso em: 10 nov. 2014.

que o al-Andalus conheceu e introduziu e a que se vieram somar as contribuições posteriores dos Descobrimentos. O rico artesanato português, da olaria aos cobs e latões, da cestaria aos vimes, das esteiras à técnica dos tapetes de Arraiolos, do trabalho dos couros e encadernações às filigranas, sem esquecer o mobiliário pintado do Alentejo, muito deve aos filhos do Crescente que, antes e depois, da conquista cristã se notabilizaram nesses domínios. (...) Muito haveria ainda a dizer sobre a influência da ciência e do Pensamento Islâmico na gênese do saber português. (ALVES, 1999, p.7)

Esse longo domínio da península Ibérica nos interessa, pois é o primeiro canal de contato indireto entre o Brasil e o Islã. O espaço de tempo existente entre a libertação ibérica do domínio islâmico e o descobrimento do Brasil foi curto: apenas 8 anos de intervalo. Tal fato evidencia que a influência islâmica ainda estava extremamente arraigada na cultura portuguesa quando se iniciou a colonização das terras descobertas. Além dessas influências citadas pelo historiador Adalberto Alves (2009), vale ressaltar a projeção que a língua árabe teve na língua portuguesa, sendo incorporadas, nessa última, mais de mil palavras de origem árabe.

No contexto brasileiro, o primeiro contato direto com a cultura islâmica se deu com a chegada dos negros, trazidos de regiões africanas nas quais a religião era dominante, como Nigéria e Sudão.

O Islamismo de escravidão tem, portanto, seu início com a chegada ao Brasil, principalmente na Bahia, de milhares de prisioneiros advindos de guerras político-religiosas na região do Sudão central, que hoje equivaleria ao Norte da Nigéria. (...) Os primeiros mulçumanos a chegarem ao Brasil trazidos a força eram os Haussás na sua maioria, seguidos de cativos dos Reinos de Gurma, Borgu, Borno, Nupe e outros reinos vizinhos dos Haussás, localizados no Sudão Central. (RIBEIRO, 2011, p. 141.)

Esses escravos não eram considerados iguais aos demais e constituíam um grupo denominado Haussá, depreciado pelos senhores, pois eram classificados como mais instruídos que os demais, e por isso mais perigosos. Eram conhecidos como “malês”, nome associado a eles pela tribo africana Iorubá, significando “renegado que adotou ao islamismo.” (RAMOS *apud* RIBEIRO, 2011, p.290), Os malês eram alvo de estranhamento não só por parte dos negros, mas pela maior parte dos brancos colonizadores. Esta

diferenciação quanto aos demais escravos se dava pelo fato de serem detentores de um domínio cultural superior. Possuíam a habilidade de ler e escrever e por isso chegavam a alcançar funções na colônia que seriam impossíveis pelos escravos iletrados, como atividades relacionadas ao comércio.



Figura 2 - Neto de escravo trazido do Sudão, Yahlia Faustino Bilal é muçulmano e membro do Centro Islâmico de Minas Gerais. Seu pai conseguiu a liberdade fisciando ouro e, ainda que iletrado, conseguiu dar sustento à sua família.

Fonte: Documentário “Somos Islã: Um documentário sobre a vida dos membros do Centro Islâmico de Belo Horizonte.”

Enquanto alguns dos escravos muçulmanos conseguiam se destacar em setores de trabalhos e conseguiam até mesmo comprar a própria alforria, outros buscavam se libertar do domínio branco através de outros meios. Freyre (1967) demonstra a influência que a população negra, de origem árabe/islâmica possuiu sobre as principais insurgências no período colonial,

(...) os negros muçulmanos eram conhecidos como os mais inclinados à aventura da fuga, ao movimento, à rebeldia contra os senhores brancos. Comprovando essas palavras, os Haussás comandaram diversas insurreições na Bahia, nos anos de 1807, 1809, 1814, 1815 e 1816, seguidas de um intervalo, após o qual se iniciaram diversas rebeliões que ficaram conhecidas como nagôs: 1826, 1827, 1828, 1830, 1835. (FREYRE, 1967, p.131-132)

A partir de 1850, quando ficou evidente que a escravidão não duraria muito, a imigração passou a desempenhar um papel central nas políticas públicas nacionais. Tornou-se claro que seria necessário abrir as portas para uma nova força que compusesse a escassa mão de obra nacional. Entre 1884 e 1893 (período em que ocorreu a abolição da escravatura), 883.668 imigrantes chegaram ao Brasil, sendo eles: 510.533 italianos, e 170.621 portugueses, não sendo notada nenhuma imigração árabe relevante. Contudo, entre 1904 e 1913, 45.803 sírios e turcos (países de maioria muçulmana) desembarcaram no país, somando um número relevante de imigrantes de origem árabe.¹⁵

Já em 1930, o país vivenciava um período de construção da identidade nacional, no qual um intenso debate sobre a relação entre etnicidade e identidade nacional ganhava corpo. Com as políticas adotadas a partir da Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, a imigração passou a ser vista como problemática e como fator contributivo à desordem econômica e à insegurança nacional. Assim, dentro dos planos de governo que regiam o movimento migratório do Brasil, havia uma clara segregação entre aqueles migrantes desejáveis e os “não desejáveis”, para os quais os fatores de escolha envolviam principalmente aspectos religiosos.

Tal inclinação pôde ser verificada em 1932, quando o governo recusou um plano de assentamento elaborado pela Liga das Nações e pela Agência Internacional Nansen para Refugiados, que visava reassentar no Brasil vinte mil refugiados assírios. “O caso dos assírios abriu calorosas discussões na sociedade brasileira, tornando-se alvo direto dos nativistas que alegavam que os assírios seriam inassimiláveis, e da imprensa que afirmava que o Brasil estava se tornando um repositório de indesejáveis de todos os povos do mundo”. (LESSER, *apud* PRATES, 2012, p.6). No caso dos assírios, o governo interpretou que os refugiados eram de origem Islâmica, o que gerou um desentendimento.

A política brasileira era pró-imigrantes, mas “anti-refugiados”, e os que propunham o plano tiveram grande dificuldade em distinguir entre iraquianos (“muçulmanos fanáticos”) e assírios (“um povo cristão”). Como os imigrantes cristãos assírios foram transformados em refugiados

¹⁵

Disponível

em:

<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933>. Acesso em 05, nov. 2014.

iraquianos (muçulmanos), eles perderam sua condição de desejáveis. (LESSER *apud* PRATES, 2012, p.6)

Assim, a alcunha que construiu em cima do termo islâmico configurou um ambiente impróprio para os futuros imigrantes que o Brasil viria a receber. Em *A negociação da identidade nacional*, Jeff Lesser (2001 *apud* PRATES, 2012) desenvolve o principal registro acerca da imigração muçulmana no Brasil, fazendo paralelos entre casos de outros países. Além disso, o autor coloca em pauta o determinante papel do poder público na criação da alcunha de “não desejáveis” que os islâmicos vieram a receber no Brasil. A condensação desses povos sob uma mesma categoria de orientais, viria a dificultar ainda mais a assimilação dos imigrantes pelo povo brasileiro, ocasionado principalmente pela falta de informação.

Quando alguém chega do Oriente Médio, ele é turco. Depois de conseguir seu primeiro emprego fixo, ele se torna sírio. Ao se tornar proprietário de uma loja ou de uma fábrica, ele é transformado em libanês. Mas eu sempre me pergunto: e quando é que ele se torna brasileiro? (LESSER *apud* MULLER, 2006, p.5)

A desinformação acerca da origem dos povos que migravam para o Brasil gerou um repúdio, que evidenciou a aversão do governo e da imprensa aos povos árabes, principalmente muçulmanos. Contudo, o cenário que observamos hoje é mais amplo e multifacetado. Dado a recente inversão dos fluxos migratórios, motivados, principalmente, por crises econômicas na Europa. O número de imigrantes que chegam ao Brasil é cada vez maior. De acordo com um estudo financiado pela União Europeia, entre 2008 e 2009, mais de 107.000 europeus¹⁶, incluindo os de dupla nacionalidade, deixaram seus países de origem para viver em um país da América Latina e Caribe. França, Espanha, Inglaterra e Portugal, países que antes eram o destino de imigrantes de origem Árabe, passam a buscar destinos alternativos, e nesse cenário o Brasil figura como um destino viável. Todavia, falta uma observação mais cautelosa sobre a maneira como esses novos atores sociais se movimentam dentro da sociedade: como se adaptam ao novo modo de vida e perpassam pelos processos de estranhamento, adaptação e circularidade.

¹⁶ Disponível em: <http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=595305>. Acesso em 12 out. 2014.

Visando demonstrar esse diálogo entre sujeito e comunidade, religião e relações sociais, o documentário “*Somos Islã: Um documentário sobre a vida dos membros do Centro Islâmico de Belo Horizonte*” procura dar voz à uma comunidade muçulmana. As entrevistas contarão com questões simples e diretas, tencionando obter dados sobre a vida, a história, os hábitos e rituais praticados pelos entrevistados, bem como saber sobre a interferência da religião islâmica nas relações sociais desempenhadas pelos personagens. Procuramos também compreender a maneira como essa comunidade se encaixa dentro da sociedade brasileira, quais desafios encontra e como se adapta às características nacionais, sobretudo no que diz respeito à maioria cristã e ao estado laico.

Além disso, outro aspecto importante do filme documental aqui em questão refere-se a entender a relação das vozes retratadas com o mundo externo e como isso afeta no processo de formação de identidade. Para isso, será necessário captar alguns momentos específicos da rotina e da vida dos imigrantes (principalmente orações em grupo e outros eventos) tomando por base a afirmação de que a identidade “preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público.” (HALL, 2001, p.8). Segundo Janet e Vigotski:

nos tornamos nós mesmo através do outro A construção social do indivíduo é uma história de relações com os outros, através da linguagem, e de transformações do funcionamento psicológico constituídas pelas interações face-a-face e por relações sociais mais amplas (que configuram lugares sociais, formas de inserção em esferas da cultura, papéis a serem assumidos, etc.). (JANET; VIGOTSKI *apud* GOÉS, 2000, p.121).

Para auxiliar a orientação da abordagem sobre o tema, adotou-se a obra do historiador Edward Said que, ao ilustrar a maneira como enxergamos o oriental, explicou que “o modo ocidental de dominar, reestruturar e exercer o poder sobre o Oriente” cria “um conjunto de ideias circunscritas a valores, apresentados de modo generalizado, mentalidade, características do Oriente”. (SAID *apud* Kemnitz, 2009, p. 2)

Tais valores são construídos de maneira tão engessada que se torna quase impossível não vermos o Islã com olhos de desconfiança e de deliberada superioridade. É

algo natural, e ao mesmo tempo justificado pelos veículos de comunicação que investem numa reprodução dicotômica entre o leste e o oeste.

Nos filmes e na televisão, o árabe é associado como a libidinagem ou como a desonestidade sanguinária. Ele aparece como um degenerado excessivamente sexuado, capaz de intrigas inteligentemente tortuosas, é verdade, mas essencialmente sádicas, traiçoeiras, baixas. Traficante de escravos, camaleiro, cambista, um patife pitoresco: esses são alguns dos papéis tradicionais do árabe no cinema. (SAID, 1990, p.383)

Said (1990) explica na obra *Orientalism* as oposições entre identidade e alteridade, eu e outro, Ocidente e Oriente, como agentes de construção de identidade que atuam e se modificam mutuamente. Quando se interpreta o outro de forma distante, quando se lê uma notícia do estado islâmico que ganha força na Síria, se contribui para um aumento dessa dicotomia, e tal aumento não é produtivo em nada. *Somos Islã: Um documentário sobre a vida dos membros do Centro Islâmico de Belo Horizonte* busca entender, de dentro pra fora, a fé e a vida desse grupo.

Em nosso documentário, vemos na figura de Mokhtar El Khal, Sheik, líder da mesquita e principal voz do documentário, a figura de um estrangeiro que se adapta à sociedade em que ele vive. Como revela: “posso dois comércios, sempre me virei, nunca me senti discriminado de fato, pois quando alguém me chama de Bin Laden, eu sorrio e respondo com humor, pois isso é do Brasileiro”¹⁷. E conseguimos ver na figura de Radoine Abdelkaoui, um jovem engenheiro civil, que mora na França e que viveu no Brasil por seis meses no ano de 2011, a desmistificação desse árabe quando ele diz “tem sempre aquela pergunta: ‘você viu aquele atentado?’ Por que você vem dizer isso pra mim, entendeu? Sempre que você fala que é muçulmano você tem que mostrar que não é daqueles.”¹⁸

O muçulmano é hoje, parte importante da sociedade global. Mas o que vemos e sabemos do mundo Islâmico muitas vezes se limita aos noticiários nacionais e internacionais. Vemos algumas iniciativas cinematográficas interessantes, como o filme *A chave da casa*, de Stela Grisotti e Paschoal Samora, que retrata a vinda de imigrantes palestinos para o sul do Brasil. Um filme de caráter documental que demonstra as

¹⁷ Entrevista concedida para a produção desse documentário. Dia 03/10/2014, Belo Horizonte - MG

¹⁸ Entrevista concedida para a produção desse documentário. Dia 03/10/2014, Belo Horizonte - MG

dificuldades de uma comunidade islâmica em se adaptar à sociedade brasileira, e o esforço empreendido por esses imigrantes no sentido de compreender a pátria que os acolhe. Contudo, filmes assim são uma ilha nesse amplo e complexo “fenômeno islâmico”, principalmente no Brasil. Considero necessário, portanto, um olhar mais atento sobre um tema que causa grande alarde no cenário global, mas que carece de uma compreensão mais minuciosa em um âmbito micro social.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA E RELATÓRIO TÉCNICO

3.1 Pré-Produção

O processo de pré-produção iniciou-se no mês de setembro, com a leitura da bibliografia relacionada, dando ênfase em artigos encontrados na internet referentes ao Orientalismo. Aliado à pesquisa na internet, segui com a leitura do livro *Introdução ao Documentário*, de Bill Nichols, que faz uma abordagem histórica mais completa sobre o fazer do cinema documentário. Também utilizei como referência o livro *Como fazer documentários*, de Luiz Carlos Lucena, responsável por simplificar questões teóricas antes confusas para mim e elucidar etapas de produção que facilitaram o desenvolvimento do projeto.

Dentro dessa mesma leitura sobre o gênero documentário, com um viés mais técnico e direto, a obra *Criação de curta-metragem em vídeo digital*, de Alex Molleta, contribuiu para dar corpo à estrutura das ideias narrativas, complementando o levantamento sobre o gênero documentário.

No período de pré-produção, fiz pesquisas sobre o Centro Islâmico de Belo Horizonte e sobre a Sociedade Beneficente Islâmica (que não existe desde Julho de 2013). Analisei fotos, textos e vídeos que retratavam o centro, e observei que havia um conjunto limitado de informações distribuídas entre alguns blogs, e que os vídeos se constituíam de montagens fotográficas. Assim, o fato de não se encontrar muito material sobre o tema me motivou ainda mais a retratá-lo.

Outra leitura que me auxiliou na orientação desse trabalho foi a obra *Orientalismo*, autoria de Edward Said, a qual já conhecia de maneira superficial e que se mostrou objeto de grande esclarecimento acerca do mundo islâmico e oriental. Antes desse livro, havia lido apenas o *Islã*, de Paul Balta; um livro que resume o que é o Islamismo, sem aprofundar em grandes questões. Durante essa fase de pré-produção foi realizada uma reunião de orientação, na qual delimitamos as datas de entregas de capítulos, o cronograma de produção e os primeiros direcionamentos sobre o documentário.

Para facilitar a compreensão do processo de produção do documentário, e mostrar as informações em uma dimensão cronológica,, separo por datas os momentos mais relevantes dessa etapa:

19/09/2014

O primeiro contato que tive com o centro Islâmico de Belo Horizonte foi por telefone. Após obter o número através da internet, entrei em contato com o Sheik Mokthar El Kan para marcar uma entrevista e obtive uma resposta positiva. Ele pediu para que o encontrasse na sexta-feira, 13h após a realização do culto, no bairro Mangabeiras.

Me dirigi a Belo Horizonte na sexta, com o intuito de conhecer a comunidade. Contudo, por um erro do GPS (dado ao fato de existirem duas ruas com o mesmo nome) eu não encontrei o lugar a tempo do combinado. Continuei em contato com Mokthar e remarquei para a semana seguinte. Nesse período, tive a impressão de que a produção do documentário seria inviabilizada, por ainda não possuir o aparato técnico necessário à execução do mesmo e também por notar uma baixa aceitação do Sheik em conceder a entrevista (ele não parecia estar muito disponível).

26/09/2014

Aproveitando o feriado municipal de Viçosa, (dia 30/09), me dirigi a Belo Horizonte com antecedência, com o auxílio da van da UFV. Dessa vez consegui estar na comunidade e conhecer o local. O lugar se localiza em um bairro nobre da cidade e fica localizado numa região alta, à esquerda da Avenida das Agulhas Negras, próximo à praça do Papa, de onde é possível ver a cúpula da mesquita e sua torre (que segue a arquitetura marroquina).

Esse primeiro contato foi o mais complexo, pois não sabia exatamente como me comportar no ambiente. Também não sabia como iria escolher os personagens que iria entrevistar. Assisti ao culto que começou 13h. Um senhor, aparentando 60 anos de idade, vestido com um longo Jalabiya branco entrou no local e começou a cantar, no centro da Mesquita. Percebi que ele tinha uma função específica, pois foi ele quem iniciou os rituais. Logo depois entrou o Sheik, que subiu até uma espécie de púlpito de onde iniciou as preces,

professadas em Árabe. Havia uma área onde fui alertado que não poderia entrar. Era a região onde eles faziam as orações, descalços, em um tapete azul.

Após duas horas de celebração, o Sheik convidou os visitantes (que haviam ficado em um banco, junto comigo, por não poderem acessar a área do tapete) a acompanhá-lo até uma sala. Após todos estarem sentados, o Sheik se apresentou e iniciou uma “aula” prática sobre o Islã. Entre estudiosos, pessoas com curiosidade religiosa e demais visitantes estrangeiros havia cerca de 20 pessoas na sala. Um número que considerei grande, tendo em vista a presença de apenas 40 fiéis na mesquita.

Utilizando meu celular, gravei em áudio 1h 40 min dessa conversa, que se dividiu em uma primeira parte expositiva e uma segunda parte aberta a perguntas. O Sheik, apesar de ser marroquino, possuía pronúncia perfeita e esse material serviu de base para a entrevista que seguiria. Ao fim da “aula”, me apresentei pessoalmente e disse qual era o meu propósito. Ele concordou em ceder uma entrevista exclusiva e marcamos para a semana seguinte.

3.2 Produção

A etapa mais intensa desse projeto foi a fase de produção. O início das gravações se deu a partir do momento em que adquiri uma câmera DSLR (digital single lens reflex). Tal aquisição, aliado ao fato de já estar familiarizado com o ambiente da mesquita, me permitiu filmar entrevistas com os membros que eu escolhi para representar o Centro Islâmico de Belo Horizonte.

Todas as gravações foram realizadas nas tardes de sextas-feiras, dia em que os muçulmanos se reúnem para o culto. Por isso, todos os encontros e entrevistas realizadas foram feitas com essa periodicidade semanal.

03/10/2014

Preparei um roteiro de entrevista para servir de orientação ao conversar com o Sheik. Associei informações que ele mesmo havia me passado na semana anterior, com outras questões que julguei pertinentes ao trabalho.

Roteiro entrevista Sheik Mokhtar El Khal

- Nome completo, idade. Filhos?
 - Focar na história antes de vir para o Brasil
 - O Islã em Casablanca, suas diferenças em relação ao Brasil.
 - O contato com o Islã, através de uma prostituta (informação obtida na pré-produção Brasil
 - Porque o Brasil?
 - Quem decidiu que ele seria o Sheik da mesquita? os Schollars?
 - A vida em comunidade
 - Sua rotina. (filmar na feira onde ele trabalha?) A rotina do islã.
 - Como é visto pela sociedade. Viveu momentos difíceis por ser árabe e muçulmano?
 - A missão do Islã no Brasil.
 - Ser imigrante. Se considera brasileiro ou marroquino?
 - Quando morrer quer ser enterrado aqui. (ligação com a terra)
 - Autorização do uso da imagem.
 - A *Ummah*, como se sente em relação aos outros povos muçulmanos no mundo.
- Suporte?
- Casos da Nigéria, talibã, isis.
 - Crescimento do Islã no Brasil. 29,1% em 10 anos.
 - Os atentados trouxeram maior visibilidade e expandiram a fé islâmica. Mas partindo dessa lógica, os atentados se justificam?
 - Charki (personagem do documentário *A muslim in the dutch society*¹⁹) tentou me converter. É uma atitude comum entre os muçulmanos.

Dispondo de uma câmera Canon 70D, um tripé VF WT3770 (modelo fotográfico) e utilizando um celular LG L5 como gravador, consegui fazer a primeira entrevista. Durante o culto, fiz imagens gerais dos fieis, dos visitantes e do ambiente. A iluminação do local

¹⁹ Curta documentário produzido por mim, no ano de 2013. Sobre um muçulmano residente em Utrecht, Holanda. Disponível em <http://vimeo.com/68827369>. Acesso em 20 nov. 2014.

favoreceu as filmagens, visto que havia um jardim de inverno no centro da mesquita, com entrada para a luz natural.

Após o culto, aguardei que encerrasse o momento em que ele se reúne com os visitantes para então abordá-lo e dar sequência à entrevista. Durante 40 minutos, Mokhtar falou sobre sua vida e trajetória, não apenas retratando sua relação com o Islã, mas citando fatos de sua vida pessoal (como a época em que fazia parte de um grupo de teatro em Casablanca, Marrocos). No decorrer da entrevista, ele falou sobre a fé islâmica no Brasil. Para ele, a dificuldade em praticar a fé em um país aonde se é minoria, torna a oração mais valiosa. E ressalta a harmonia existente entre o brasileiro e o árabe.

Ao final do dia, fiz imagens externas da fachada da mesquita, priorizando planos abertos que evidenciassem a fachada e a construção arquitetônica da mesquita.

07/10/2014

Nesse dia, foi realizada uma reunião de orientação. A orientadora, Mariana Procópio apontou as falhas na construção teórica do primeiro capítulo. Orientou que eu fizesse um sumário para me ajudar na organização do texto e reajustamos o cronograma em função dos atrasos.

17/10/2014

Esse foi o dia em que realizei mais entrevistei mais membros do Centro Islâmico. Logo que cheguei à comunidade, por volta de 13h, a esposa do Sheik me disse que eu poderia filmar tudo que eu quisesse, contando que não pisasse no tapete azul.

Após fazer algumas imagens, vi dois homens aparentando estarem perdidos na Mesquita. Me aproximei e os ajudei a entrar em contato com o Sheik. Aproveitei a ocasião, me apresentei a eles e expliquei o que fazia ali. Ambos eram franceses e um deles não falava português. Pedi ao outro que me concedesse uma entrevista e ele aceitou. Seu nome era Raidoine, 29 anos, francês de ascendência marroquina. Ele contribuiu bastante com sua fala sobre a posição da juventude em relação aos principais temas do Islã. Raidoine viveu no interior de São Paulo por seis meses e teve contato direto com outros jovens brasileiros e contou durante os 20 minutos de entrevista, como ele via a relação entre o Brasil e o Islamismo.

Pouco depois, conheci Isabel Carolina, uma brasileira que frequentava a mesquita todas as sextas-feiras. Ao entrevistá-la, colhi um interessante depoimento sobre a vida das mulheres no Islã. E como ela, que ainda não fez a cerimônia de conversão, se relaciona com a ideia de pertencer a uma religião orientam.

24/10/2014

Na quinta visita à comunidade, me surpreendi com o número de visitantes que se encontravam no local. Eram em torno de 80 pessoas, divididos entre estudantes do ensino médio e superior. Muitos lotavam o hall de entrada de mesquita, e se esforçavam para conseguir filmar e fotografar a cerimônia que ocorria. Aproveitando o número de visitantes que estavam presentes na mesquita, decidi fazer imagens de corte²⁰, para serem utilizadas quando o assunto da expansão do islamismo fosse tocado.

Quando era por volta das 16h e a mesquita encontrava-se mais vazia, um senhor na avançada idade se aproximou de mim e disse: “Salaam aleikum” (que significa a paz de Allah esteja sobre voz) e, após responder Alaikum as-Salaam” (e convosco também), iniciamos uma conversa. Seu nome era João Faustino²¹). Um senhor negro, que se revelou uma pessoa de notável lucidez e clareza na fala. Por ser descendente de escravos trazidos do norte da África, ele traz um depoimento diferente de todos os outros e constitui uma importante fonte na composição do documentário.

Para essa entrevista eu já contava com um gravador profissional sony ICD-PX312, o que contribuiu consideravelmente para uma melhor captura de áudio.

31/10

O último dia de gravação foi proveitoso para captura de imagens. Não fiz entrevista com roteiros definidos, mas fiquei com a câmera ligada durante quase todo o culto, e filmei a cerimônia de Ablução²², durante essa filmagem, busquei acompanhar a cerimônia utilizando a câmera subjetiva, ou seja, na altura dos olhos, e acompanhando aquilo que eu

²⁰ Imagens que serão utilizadas para passar de um plano a outro, durante a montagem.

²¹ ou Yahia Faustino Bilal. Seu nome muçulmano

²² Tradição islâmica que destina-se a purificar o corpo antes das orações.

estava vendo. Também nesse dia, o Sheik falou um pouco sobre a importância da internet para o Islã, no mundo de hoje. Todas as falas coletadas esses dias se deram de maneira espontânea, com pouca interferência minha.

Fiz imagens do Sheik Mokhtar conversando com um guarda que trabalha numa guarita próxima à mesquita. Por se tratar de um fato que parecia corriqueiro na rotina de Mokhtar, considerei relevante deixar a câmera ligada e não fazer perguntas diretas, apenas gravar o momento.

3.2.1 Apresentação dos personagens

A escolha dos entrevistados se deu através de conversas comuns durante as visitas à mesquita. Observava como eles se comportavam e, ora os abordava, ora eles me abordavam, iniciando uma conversa. Dentre as pessoas que conheci durante a produção desse trabalho, escolhi quatro para ilustrar o documentário. Sendo eles:



Mokhtar El Khan, marroquino.

Mokhtar é o personagem com maior conhecimento teórico acerca do islamismo. Ele nasceu em Casablanca, Marrocos e, mais tarde, se mudou para a Arábia Saudita, onde

concluiu seus estudos teológicos. Vive no Brasil há 22 anos, e é o líder (Sheik) da mesquita de Belo Horizonte. Possui opinião forte sobre a sociedade brasileira, citando um pouco das incoerências existentes em relação à mulher na sociedade, que para ele é vulgarizada. Durante a pré-produção do trabalho, era mais difícil de conversar e encontrar com ele, mas isso viria a mudar durante as gravações, quando gravamos mais de uma hora de entrevistas somadas.



Isabel Carolina, brasileira

Isabel é natural de Belo Horizonte e se interessou pela fé islâmica através da internet, assistindo a vídeos relacionados ao Alcorão e à vida do profeta Muhammad. Ela é advogada e atua profissionalmente na cidade onde nasceu. Apesar de não ter se convertido (ou revertido, no termo islâmico) à fé Islâmica, ela frequenta a mesquita todas as sextas-feiras e irá fazer uma viagem ao Marrocos em dezembro, para se aprofundar no conhecimento da fé.



Radoine Abdelkaoui, francês

Seu primeiro contato com o Brasil se deu em 2011, quando realizou um intercâmbio de seis meses na cidade de Bauru, SP. Durante esse tempo, ele frequentou a mesquita do Brás em São Paulo. Em sua entrevista, ele citou o modo com que a sociedade brasileira vê os muçulmanos, que para ele é uma visão muito mais positiva do que a dos franceses.

Assume que tinha medo de vir ao Brasil antes de vir para cá, mas que hoje em dia volta frequentemente, pois criou laços de amizade com muitos brasileiros. Um fato interessante é que ele explica como a unidade islâmica funciona de maneira bem simples. Diz que em qualquer lugar do mundo, se você entra em uma mesquita, você se sente entre irmãos.



João Faustino, brasileiro

Nasceu em São José do Mato Dentro, MG, mas passou a maior parte da vida na capital. Foi corretor de imóveis e trabalhou também na junta militar do exército. Tornou-se muçulmano em 1979, por conta de uma brincadeira de um amigo, que ao chamá-lo de muçulmano, o fez ter mais curiosidade sobre a religião de seu avô.

Neto de um escravo muçulmano trazido do Sudão, Faustino representa o primeiro contato que o Brasil teve com islã, através dos escravos trazidos do norte da África para trabalhar no país. Seu relato é interessante ao tocar pontos relativos ao “conflito” entre muçulmanos árabes e brasileiros, que se tornou um obstáculo para ele, no início de seu envolvimento com a fé islâmica.

Pedro, brasileiro.

Pedro, o personagem que aparece durante a cerimônia de ablução, e brasileiro, tem 28 anos, e se converteu à fé islâmica em 2012. Conversamos apenas uma vez, quando saímos da mesquita em direção ao centro e pegamos um ônibus juntos. Ele não deu mais depoimentos relevantes, mas contribuiu para a demonstração de como os rituais islâmicos são tratados com importância na rotina da fé.

3.3 Pós-Produção

A última fase do projeto se iniciou no mês de novembro, a partir da última entrevista. Todo o material de vídeo estava reunido na plataforma online *google drive*. Os 16gb de imagens geradas estavam disponíveis através da minha conta *Gmail*, o que facilitou a visualização desse material, dispensando a necessidade imediata de um HD externo. As capturas de áudio ainda estavam nos dispositivos utilizados para captura, o que ocasionou uma demora na verificação do material de maneira adequada, que só viria a ocorrer no dia 10/11/2014.

Ao sincronizar o áudio com as imagens das entrevistas, pude assistir a todas elas de maneira minuciosa e encontrei alguns pontos de concordância e discordância entre os personagens. Dentre esses temas, destaco a questão da tolerância da sociedade brasileira em relação ao Islamismo que, aos olhos de Isabel Carolina, é complicada e conflituosa e na visão do Sheik Mokhtar é algo que se dá de maneira harmônica e pacífica.

Antes de começar a montagem, eu tracei uma meta de roteiro que abordaria uma sequência de assuntos, de maneira linear. Essa sequência iria partir do tema: “porque o islamismo?”, passando por assuntos relacionados à “mulher no Islã”, ao “conflito social entre o árabe e o brasileiro”, buscando também contar histórias de vida relacionadas ao personagem que tinham o Islã como plano de fundo.

Contudo, ao longo da montagem, decidi conectar os personagens de maneira menos direta. Ou seja, nem todos os personagens falam de todos os temas e não se segue uma divisão de temas através de blocos bem delineados, mas há uma narrativa na qual os personagens falam de temas diversos, conversam entre si e acabam por citar informações novas que iniciam outras discussões.

Para editar esse documentário, utilizei a última versão do programa de edição não linear da plataforma *Adobe*, o software de edição *Adobe Premiere CC*. Para facilitar a edição, tendo em vista que os áudios estavam separados das imagens, eu criei 5 sequências na *timeline* do projeto, uma para cada entrevistado e uma “final”, na qual colocava os cliques na sequência que desejava. Sincronizei as entrevistas de cada personagem de maneira isolada e utilizei marcações para separar os assuntos abordados.

Simultaneamente, trabalhei no memorial, reescrevendo o capítulo 1, que até então estava desorganizado e trabalhando melhor as ideias do capítulo 2. Esse trabalho de redação durou de setembro a novembro de 2014 e foi extremamente produtivo no sentido de me dar mais segurança durante todo o processo de produção e pós-produção.

Para compor a trilha sonora do documentário, utilizei os cantos das orações muçulmanas realizados pelos próprios personagens. Idealizei essa escolha ainda na pré-produção, quando assisti a documentários que retratavam o mesmo o tema. Mais tarde, durante a edição, pude constatar que seria possível a utilização dos áudios capturados para construir a trilha sonora. Portanto, assim o fiz. A montagem final resultou em um documentário de 20'31'' de duração.

3.4 Material, orçamento e cronograma

a. Material

Descrição	Quantidade
Câmera digital Canon 70D	1
Notebook Macbook Pro 13,3	1
Celular LG L7	1
Gravado Sony ICD-PX312	1
Tripé VF-WT 3770	1
Lentes Canon EF 50mm f/1.8, uma Canon EF35mm f/1.4, uma Canon FM 50mm f/1.8 (macro)	1

b. Orçamento

Valor unitário	Quantidade	Descrição
R\$ 70,00	5	Passagem de ônibus Viçosa - BH
R\$ 2,50	10	Transporte público Urbano
R\$ 15,00	2	Taxi

	Total	R\$ 405,00
--	--------------	------------

c. Cronograma

Dezembro	Novembro	Outubro	Setembro	Agosto	Atividade
		X	X	X	Reuniões de Orientação
	X	X	X	X	Pesquisa Bibliográfica
	X	X	X		Visitas à comunidade
	X	X			Captação de imagens e áudio das entrevistas.
	X	X	X		Redação do memorial
	X				Finalização do documentário
X					Defesa do TCC

3.5 Roteiro

Título: Somos Islã: um documentário sobre os membros do Centro Islâmico de Belo Horizonte.

Duração: 18'06''

Direção: Talles Carvalho

<p>As cenas iniciais mostram uma imagem externa da mesquita de Belo Horizonte. Na cena, pode-se observar a cúpula da construção e a sua torre.</p> <p>Em uma segunda tomada, a mesquita aparece mais próxima. Em seguida, há uma sequência que mostra a mesquita desde sua porta de entrada até o interior, aonde vemos Mokhtar praticando o Salaah, sua prece diária, voltado para Meca.</p> <p>Surge uma voz <i>over</i>, enquanto a imagem continua mostrando o Sheik.</p> <p>Corta para a imagem do Sheik sentado, falando sobre a sua conversão ao Islã. E a maneira inusitada como ela se deu.</p> <p>Em seguida, Faustino entra em cena, contando sobre a sua primeira experiência com a religião.</p> <p>Isabel fala de como o youtube foi o primeiro contato com o Islã, e a abertura termina com Radoine, que diz: “Nasci muçulmano, cresci na fé muçulmana, e sou muçulmano”.</p>	Abertura
<p>Entra o título do documentário, acompanhado de uma sura cantada.</p>	Título
<p>Mokhtar começa a contar sobre sua história com o Brasil e</p>	Bloco 1

<p>o seu rompimento com a Ordem islamica, quando ele estava dando aulas para descendentes palestinos que migraram para o Brasil, e seus superiores o forçaram a deixar os alunos para ir para outro lugar.</p> <p>Cena de transição mostra um grupo de homens se curvando em direção a Meca.</p> <p>Mokhtar volta falando sobre o pós “11 de setembro”. “A mesquita é para unir.”. Nos últimos anos os brasileiros têm se convertido ao islamismo devido à influência de alunos estrangeiros que vêm estudar no Brasil.</p> <p>Radoine, que fez intercâmbio no Brasil em 2011, conta como foi seu primeiro contato com o país, e como fez para não perder a fé.</p>	
<p>Cena de transição mostra o Sheik Mokhtar organizando os chinélos dos fiéis, que ficam na entrada, próximo ao tapete azul.</p> <p>Em seguida, um plano conjunto mostra alguns fiéis sentados e ajoelhados no tapete, enquanto o Sheik passa por eles e sobe ao púlpito para iniciar sua fala.</p> <p>Inicia-se um canto.</p>	<p>Transição</p>
<p>Faustino inicia o segundo bloco:</p> <p>“Quando eu descobri o que que era muçulmano eu disse, eu vou ser! é religião do meu avô!”. Fala também do preconceitos dos árabes em relação a ele.</p> <p>“Eu só vim rezar aqui na mesquita depois do bombardeio</p>	<p>Bloco 2</p>

<p>às torres”. E termina citando o ritual de iniciação no islamismo: a charrada.</p> <p>Isabel diz que ainda não fez esse ritual porque acredita que no Brasil ainda há muito preconceito. “nós temos o medo, temos o hijab como submissão...”</p> <p>Radoine cita as pessoas que relacionam todos os muçulmanos aos atentados que ocorrem pelo mundo.</p> <p>Entrando no assunto da violência islâmica, Faustino acrescenta o que os livros sagrados falam sobre o tema. “você só deve matar o inimigo, se ele o impedir de rezar.”</p> <p>Mokhtar volta dizendo a maneira bem humorada com que o brasileiro lida com o tema árabe. e finaliza dizendo: “Se você tem uma boa relação com Deus, a relação com o outro também vai ser boa.”</p>	
<p>Alunos do ensino médio filmam o culto através de vários dispositivos eletrônicos.</p>	<p>Cena de corte</p>
<p>Mokhtar dá início ao terceiro bloco: “Ano passado tinham duas paredes e uma porta no salão da mesquita, e eu quebrei” Sinalizando uma maior abertura da comunidade à sociedade</p> <p>Radoine concorda que a mesquita deve ser de todos. “Todos os muçulmanos se consideram irmãos”.</p> <p>Mokhtar diz que o islã é universal, e que a juventude</p>	<p>Bloco 3</p>

<p>islâmica hoje, anda de <i>all star</i> e usa <i>ray ban</i></p> <p>Faustino diz que é um “fenômeno”. Pois o islamismo é a única fé que não tenta catequizar ninguém. Faustino conclui seu pensamento explicando que o Alcorão não é como a bíblia, e que para tocá-lo deve-se ser muçulmano e tem que se lavara para por a mão nele.</p> <p>Nesse momento entra em cena um personagem que demonstra como funciona esse ritual de purificação citado por Faustino: a Ablução.</p>	
<p>Mokhtar El Khan inicia explicando a união que o islamismo prega. Entre sunitas e xiitas, entre todos os povos. Um islã que não divide, mas que convence e que tenta unir. Citando que ele tenta manter um padrão de conduta.</p> <p>Enquanto ele fala, imagens gerais do interior da mesquita são exibidas.</p> <p>“Queremos um islã que una, apesar da divisão política”</p> <p>Radoine</p> <p>“tem uma coisa dentro do brasileiro, que ele, mesmo sendo ateu, ele respeita”</p> <p>Cena mostra o Sheik explicando de forma descontraída, a maneira como ele entende a sociedade brasileira, e se relaciona com ela</p> <p>Uma câmera subjetiva realizando um <i>travelling</i> mostra vários homens orando, e encerra o documentário.</p>	<p>Encerramento</p>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ineditismo pode ser apontado como um fator que justifica o projeto por si só. E não digo isso pensando num cenário de amplitude nacional, nem como crítica à falta de produções relacionadas ao tema, mas sim, pelo fato de não ter encontrado nenhum material audiovisual que retrata o centro islâmico de Belo Horizonte.

Em minha pesquisa, encontrei apenas dois documentários relacionados ao tema e ambos retratavam o tema no estado de São Paulo. *Os Manos de Alá* (São Paulo, 2013, 54min) , dirigido por Luiz Carlos Lucena (autor presente no referencial teórico do projeto) traz a relação entre jovens de periferia da cidade de São Paulo e a recente relação com a fé islâmica. *Sob o Véu do Islam* (São Paulo, 2012, 71min) outro documentário dirigido por Lucen , produzido por alunos da FAAM, que enfoca a realidade das mulheres muçulmanas na sociedade brasileira argumentando que 7 em cada 10 revertidos são mulheres (segundo pesquisas da União das Entidades Islâmicas).

A questão muçulmana atrai uma discussão não só no campo religioso, mas no campo social. Temos o muçulmano como um estrangeiro por excelência, pois ainda que ele esteja separado por milhares de quilômetros de Meca, ele continua voltando sua frente à cidade cinco vezes por dia, e dirigindo suas orações à cidade. Ele é um estrangeiro porque em qualquer sociedade em que esteja, ele encontra seus “irmãos” reunidos em uma mesquita. Muitas vezes, eles se identificam mais com a própria fé do que com a cultura da sociedade em que vivem.

E ainda que seja um fenômeno sem semelhante no mundo atual, e dotado de uma complexidade quase sobre-humana, o islamismo continua sendo composto de pessoas comuns, pessoas reais. Portanto, é a vida de quatro desses integrantes do mundo islâmico que esse documentário quis mostrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. **Portugal, ecos de um passado árabe**. Lisboa: Instituto camões, coleção Lazuli, 1999.

BALTA, P. **Islã**. Trad. William Lagos. Encyclopaedia, 2010.

FREYRE, G. **Problemas Brasileiros de Antropologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

GOÉS, M. C. R. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. *Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 71, Jul. 2000

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.

KEMNITIZ, Eva-Maria; von. **O Orientalismo na Perspectiva de Edward Said**. In: Intervenção no Col no Colóquio sobre a Vida, Pensamento e Obra de Edward Saïd, organizado pelo MPPM no âmbito da Segunda Semana da Palestina e realizado no ISCTE em 26 de Novembro de 2009.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**. Trad. Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: UNESP, 2001, 344 páginas.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

MOLETTA, A. **Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta de produção de baixo custo**. São Paulo: Summus, 2009.

MONTENEGRO, Silva Maria. **Identities muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização**. 2ª ed. Lusotopie, 2002, 59-79.

MULLER, Fernanda. **A viagem como Imigração: relatos do viajante contemporâneo**. 2006 (Mestrado em Literatura). Curso de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

PENAFRIA, Manuela. **O Documentarismo no cinema**. Universidade Federal de Pernambuco. v1, n7. Disponível; em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria_manuela_documentarismo_cinema.pdf acesso em 21 nov. 2014.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário em debate: John Grierson e o movimento documentarista britânico**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação - UBI. 2004. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-filme-documentario-debate.pdf>> Acesso em 20 nov. 2014.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação - UBI. 2001. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=penafria-manuela-ponto-vista-doc.html> Acesso em: 05 nov. 2014.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes – conceito e metodologia(s)**. In: Anais VI Congresso SOPCOM, Lisboa, Abril de 2009. Disponível em:

<<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafriaanalise.pdf>> . Acesso em 14 jul. 2013.

PRATES, Daniele Abilas. **O fio de Ariadne: deslocamento, heterotopia e memória entre refugiados palestinos em mogi das cruzes, Brasil e Burj-Barajneh, Líbano**. 2012. Tese (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

RIBEIRO, L. Negros islâmicos no Brasil escravocrata. **Rev. USP.**, São Paulo, n.91, p. 139-152, setembro/novembro 2011.

SÁ, T. **Lugares e não-lugares em Marc Augé**. Artitexto, 2006, 179-188

SAID, E. **Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente**. Ed. de bolso. Companhia das Letras, 1990.